

## **Cultura, política e literatura: a trama imbricada de Graciliano Ramos<sup>1</sup>**

**Resumo:** As relações entre cultura e política e literatura sempre existiram e formam uma trama imbricada de nós e teias. No século XX, os fios dessa trama se apresentam mais tensionados do que nunca, se se leva em consideração a primeira e a segunda guerra mundiais e os regimes totalitários. A partir dessa perspectiva, esse artigo visa refletir sobre a figura e a produção literária de Graciliano Ramos

**Palavras-chave:** Graciliano Ramos, literatura e política, intelectual

**Abstract:** The relationship between culture and politics and literature have always been and form a imbricated net of nodes. In the twentieth century, the elements of this net are more tensed than ever, if one takes into account the first and second world war and the totalitarian regimes. From this perspective, this article aims to reflect on Graciliano Ramos's figure and literary production.

**Keywords:** Graciliano Ramos, literature and politics, intellectual

As relações entre literatura e história sempre existiram e deram corpo a um imbricado emaranhado. Toda manifestação artística, como pode ser a literatura, a pintura, a música, as artes plásticas, é gerada e carrega vestígios de seu próprio tempo, que é também um tempo histórico. Nessa perspectiva, portanto, os laços entre literatura e história mostram-se intensos. Contudo, é possível, ainda afirmar, que devido às transformações sociais, culturais, políticas que marcam e perfilam uma nova ordem desde o final do século XIX e o início do XX, esses fios na “era dos extremos” se entrelaçaram cada vez mais. A modificação e modernização dos espaços urbanos, a mistura entre os espaços do público e do privado, a experiência traumática da Primeira Guerra, a consolidação de regimes totalitários, na Europa e na América Latina, além da experiência-limite da Segunda Guerra são alguns momentos do espaço público – coletivo – que apresentam uma consequência muitas vezes direta no cotidiano do indivíduo. Sem contar o posicionamento

emblemático de Zola, com o *J'Accuse*, consequência das discussões sobre *caso Dreyfus*, no final do século XIX, que já assinalava um novo tipo de relação do escritor/artista com a sociedade e os poderes políticos e sociais. Um cotidiano, ou se se quiser uma experiência do vivido que passa a ser também elemento de reflexão; enfim, que é lido, representado e ressemantizado em diferentes códigos e linguagens.

Essa perspectiva de intensificação das artes com um plano mais “concreto”, como aquele social e histórico, pode ser vista a partir do pensamento de dois grandes filósofos que marcam a primeira metade do século XX e que tiveram repercussões mesmo fora das fronteiras de seu país. As figuras de Benedetto Croce e Antonio Gramsci são os exemplos dessa mudança de olhar. Mesmo sem entrar nos detalhes e pormenores, é possível, aqui rapidamente, traçar uma diferença no modo como eles concebem a arte e a relação desta com a sociedade. A famosa *Estética* crociana buscava identificar e isolar o “momento poético” dos demais momentos que integravam e formavam a obra literária. Esse “momento poético”, lirismo, ligado à filosofia do espírito, concebia a arte como conhecimento individual: intuição. A arte, portanto, está para Benedetto Croce ligada à intuição e não à reflexão.<sup>2</sup> Separação que fica ainda mais evidente na definição dada para a “vida do espírito”, dividida em duas esferas, a cognitiva e a política. Antonio Gramsci, quase trinta anos mais novo, de outro lado, com uma experiência de vida bem distinta da de Croce, em seus *Cadernos do Cárcere*, que só começam a ser publicados no final da década de 1940, aponta para uma outra perspectiva, na qual arte e sociedade caminham cada vez mais juntas. Se para Croce a arte é autônoma e o realismo não diz respeito à poesia, para Gramsci essa autonomia é relativizada, pois ela é também fruto de toda uma conjuntura e de um tempo. De fato, algumas de suas propostas e pensamentos, mesmo fragmentários, podem ser lidos por meio da relação binômica: arte e vida. Para ele, as atividades literárias e culturais devem uma forte ligação com as questões “mais vivas da sociedade”. Como se pode ver, duas abordagens e perspectivas diferentes, mas que, de certo modo, traduzem as discussões e transformações em voga nesse período.

Quando se pensa na trajetória e na produção literária e ensaística de Graciliano Ramos, não é possível deixar de pensar no binômio de relações entre literatura sociedade, “equação” que não despreza os elementos da história, na verdade eles são parte integrante dessa ligação – seja aquela individual seja aquela coletiva. Basta pensar, por exemplo, nas temáticas e nas estratégias narrativas propostas por Graciliano Ramos para seus romances, começando por *Caetés* (1933) e terminando com as

póstumas *Memórias do Cárcere* (1953). A essas publicações podem ser somadas, ainda, os textos escritos e publicados na imprensa brasileira e a atuação do escritor alagoano em diferentes jornais e revistas.

É dele a frase: “Não há arte fora da vida, não acredito em romance estratosférico. O escritor está dentro de tudo o que se passa, e se ele está assim, como poderia esquivar-se de influências?”<sup>3</sup>. Graciliano Ramos com esta declaração admite que a arte – e, portanto, a literatura – tem uma função e que esta não se apresenta nem à margem nem desconectada daquilo que está à sua volta. Isto é: a literatura não é fruto nem é produzida no interior de uma torre de marfim; ela pode ser vista como o resultado de uma intensa ligação com o que se passa dentro e fora de casa, nas ruas, no meio das multidões, nos espaços públicos e privados; enfim, nos enlances e desenlaces que fazem parte da experiência do vivido. A infância no sertão nordestino, a mudança para o sudeste e os trabalhos como revisor dos jornais *Correio da Manhã* e *O Século*, o retorno e o trabalho na loja da família em Palmeira dos Índios, os cargos de prefeito, de diretor da Imprensa Oficial do estado de Alagoas, de diretor da Instrução Pública e de inspetor do ensino secundário, o trabalho como jornalista e a experiência do cárcere, em meados da década de 1930, fazem parte, sem dúvida, da formação e amadurecimento do indivíduo e do escritor.

Uma atuação como a de tantos outros intelectuais brasileiros que colaboraram com o Ministério da Educação, dirigido por Gustavo Capanema, durante o Estado Novo. Só para lembrar, esse ministério nomeou como inspetores federais de ensino os seguintes nomes, além do de Graciliano Ramos: Manuel Bandeira, Murilo Mendes, Henriqueta Lisboa, dentre outros.<sup>4</sup> Nomes que confirmam a ambígua e complexa relação que muitos intelectuais brasileiros tiveram com o Estado durante as décadas de 1930 e 1940. Uma relação de *cooptação* como definiu Sergio Miceli, em *Intelectuais à Brasileira*, mas que deve ser analisada com uma lente atenta para entender um pouco mais nessa complexa rede de relações intelectuais aqueles que “serviram” e aqueles que “se venderam”, para recuperar as palavras de Antonio Candido. Sem dúvida, como coloca Helena Bomeny: “No Brasil da era Vargas, o dilema da participação dos intelectuais na política teve no ministério de Capanema um de seus momentos memoráveis” (BOMENY, 2001, p. 105).

É na década de 1930, dado o aumento e a expansão do mercado livro, que a produção literária de ficção começa a gozar de uma aceitação maior – até então a poesia e a crítica dominavam as rodas culturais. Se essa produção tida como mais prestigiosa concentrava-se na zonas mais desenvolvidas e mais ricas do país, nos estados de Rio de Janeiro,

São Paulo, Minas Gerais, a produção do romance se dá nos centros mais afastados do *burburinho* intelectual. Esse “novo” gênero na literatura brasileira propicia, além do “reconhecimento” do país, uma maior interação e reinterpretação do mundo social, incluindo os espaços das províncias.

Os escritores que então investiram nesse gênero desde o começo de suas carreiras eram, em sua maioria, letrados da província que estavam afastados dos centros da vida intelectual e literária, autodidatas impregnados pelas novas formas narrativas e em voga no mercado internacional e que não dispunham dos recursos e meios técnicos a essa altura necessários aos que tivessem pretensões de sobressair na prática dos gêneros de maior prestígio da época (poesia e crítica literária). (MICELI, 2001, p. 159)

É, portanto, nesse tipo de produção que pode ser vista a atividade de Graciliano, que desde cedo caracteriza-se pelos fios existentes entre literatura e sociedade. Numa carta a João Cabral de Melo Neto, data de 17 de abril de 1942, ele ressalta que a poesia deve fazer parte, deve estar integrada, ao tempo do presente histórico – “nosso tempo” –, ideia logo reforçada por uma outra: a da vida como matéria prima para o trabalho. Entenda-se trabalho, aqui, como produção literária. Testemunhos que reforçam o depoimento da já citada entrevista de 1944, e posições que enfatizam a leitura de mundo proposta pelos novos romancistas. A escrita para Graciliano é comparável ao processo artesanal de lavar a roupa:

Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer.<sup>5</sup>

A palavra tem um poder de comunicação, de criar um canal de comunicação com o leitor. Ela tem um ou mais significados que vão se delineando à medida em que a página é tecida. Palavra, matéria-prima,

que será empregada tanto nos textos jornalísticos quanto naqueles literários, duas atividades diferentes, mas afins e, talvez complementares, que exemplificam dentro do seu estilo preciso e “enxuto” o valor que ela possui.

É interessante, agora, ver como a historiografia literária brasileira leu a trajetória plural de Graciliano. O percurso pela literatura aqui proposto terá como base as leituras de Alfredo Bosi, Afrânio Coutinho, José Aderaldo Castello.

Em sua *História Concisa da Literatura Brasileira*, Bosi apresenta o escritor alagoano a partir de duas palavras *tensão* e *conflito*. A primeira refere-se à relação entre o indivíduo *eu* e o mundo exterior, a sociedade, e a segunda representa o modo como essa relação se dá. Nesse sentido, para o crítico, o realismo de Graciliano não é “orgânico”, mas sim espontâneo. Poderia-se dizer que é fruto dessa relação com a palavra, elemento formal e significante.

[...] uma série de romances cuja descontinuidade é sintoma de um espírito pronto à indagação, à fratura, ao problema. O que explica a linguagem díspar de *Caetés*, *Angústia*, *Vidas Secas*, se momentos diversos que só terão em comum o dissídio entre a consciência do homem e o labirinto de coisas e fatos que se perdeu. E explica, em um outro plano, o trânsito da ficção ao nítido corte biográfico de *Infância* e *Memórias do Cárcere*. (BOSI, 1994, p. 402)

E ainda:

Daí parecer precária, se não falsa, a nota de regionalismo que se costuma dar a obras em tudo universais como *São Bernardo* e *Vidas Secas*. Nelas, a paisagem capta-se menor por descrições miúdas qu por uma série de tomadas cortantes; e a natureza interessa ao romancista só enquanto propõe o momento da realidade hostil a que a personagem responderá como lutador em *São Bernardo*, retirante em *Vidas Secas*, assassino e suicida em *Angústia*. (BOSI, 1994, p. 402)

Afrânio Coutinho, por sua vez, enfatiza o uso da linguagem na obra de Graciliano Ramos, como sendo um instrumento mediador da realidade, para entendê-la e poder, então, representá-la. Além disso, aponta para a memória como sendo um elemento fundamental da poética do escritor. Ele chega ainda a definir Graciliano como “grande escritor” e “atento artesão”. Essa última expressão definidora reforça o trabalho “manual”, de cuidado e refinamento da palavra, já mencionado por Alfredo Bosi.

[...] a posição da linguagem como mediadora da realidade, o que implica para ele uma definição do escritor frente ao mundo que cria, a situação humana no entrechoque da sobrevivência social. São preocupações ora vinculadas ao nível da ficção ora apresentadas metalinguisticamente (COUTINHO, 1999, p. 391)

E ainda:

É a partir de *São Bernardo* que a memória assume em definitivo o papel de operador da sobrevivência do passado e elemento fundamental para a compreensão do presente e do futuro. Quer na sua exacerbação quer na sua anulação, é sobre ela que deposita as raízes da obra. (COUTINHO, 1999, p. 401)

Passa-se dos costumes para uma atitude mais reflexiva:

Graciliano Ramos coloca-se com essa obra bem no cerne do romance moderno, para o qual uma história, um estado de alma ou a descrição de costumes não é mais o que importa. Importa colocá-lo na vida, assumindo a condição humana, e nela o meio temporal em que o homem se debate e que é sua categoria principal. (COUTINHO, 1999, p. 404)

A linguagem caracterizada como plástica, relacionada ao silêncio, é ressaltada por José Aderaldo Castello, quando ao analisar de *Vidas Secas*, trata de “quadros” narrativos, nos quais a “pena substitui o pincel”. Castello mostra concordar com a visão dos demais críticos e historiadores quando assinala a linha memorialística de Graciliano Ramos, porém, para ele a memória é uma possível explicação para a “ausência de imaginação inventiva”. Dessa forma, dada tal ausência, o que resta é a representação do real que se concretiza a partir do filtro da reflexão. Uma reflexão ou autoreflexão que leva às conjecturas sobre o homem e sua condição:

Graciliano Ramos soube conduzir-se sob visão especulativa do visto e observado, em busca do seu sentido de comunhão universal. E impôs a si mesmo o despojamento da sentimentalidade e do lirismo efusivo, como meio seguro de captar o significado e as condições do condicionamento do ser, ou melhor, dos seres, os “viventes” naquela região. Ressaltaria neles a substância humana, tanto assim que, entre outras coisas, deu a necessária importância e destaque ao fatalismo que governa a conduta existencial do sertanejo nordestino. (CASTELLO, 1999, p. 322)

Nas três visões mencionadas e citadas acima, convergentes em alguns pontos, pode-se notar um aspecto fundamental que está ausente. A obra de Graciliano Ramos é lida e analisada a partir e dentro do limite – também físico – do texto literário. Nessas “amostras” não há uma “literatura vista longe”<sup>6</sup>, na qual a literatura é parte integrante de uma trama muito mais complexa que pode ser denominada de cultura. Nessas leituras propostas, não há uma interação ou integração entre o percurso, entendido num sentido mais amplo, de Graciliano Ramos e a sua produção literária. Graciliano, certamente, não é o único, é apenas um exemplo de como o complexo emaranhado das relações entre literatura e história pode se delinear.

Esse breve parêntese, aqui, serve para dar uma medida de como a concepção e a visão da arte e da sua produção sofre muitas transformações nessa primeira metade do século. Como já colocado, a necessidade de Graciliano de nos últimos escritos, *Infância* e *Memórias do Cárcere*, propor como fio condutor e eixo-estruturador a memória é uma forma de refletir sobre os elos entre indivíduo e sociedade. Aspecto já está presente desde muito na sua formação e construção da poética; basta lembrar os emblemáticos relatórios de quando ele era prefeito em Palmeira dos Índios, que por serem inusitados tiveram até uma circulação na capital. Marques Rebelo os caracteriza como “relatórios gozadíssimos” e ao comentar o material lido afirma que depois das leituras de Manuel Antônio de Almeida e Machado de Assis, nada havia encontrado até então que chamasse tanto a sua atenção. É talvez ainda por causa desses relatórios inusitados que o editor carioca Augusto Schmidt entra em contato com Graciliano, e em 1933 é publicado *Caetés*. O segundo parágrafo inicial do relatório de 1930 já coloca em destaque a tendência à narrativa: “Isto é, pois, uma reprodução de fatos que já narrei, com algarismos e prova de guarda-livros, em numerosos balançetes e nas relações que os acompanharam” (RAMOS, 2011, p. 211). O escritor anuncia com estas palavras, portanto, que agora trabalhará os dados a partir de uma outra perspectiva.

Relatórios<sup>7</sup> de um prefeito, mas que nada têm da linguagem e do discurso político e burocrático, ao contrário, apresentam um estilo irônico e criativo, que já deixa entrever traços característicos do futuro prosador. Esse pode ser considerado mais um exemplo de como a trama entre cultura, política e literatura, desde cedo, permeia as atividades de Graciliano. Como afirma Hélio Pólvora: “Esses relatórios respondem pelo ingresso de Graciliano na literatura. Conheceram a fama, por pouco não entraram para o folclore. A prosa já era lapidar, o olho crítico emitia luz forte e cortante” (PÓLVORA, 2007, p. 224).

Uma outra atividade que deve ser lembrada é a participação do escritor na revista *Cultura política*, importante publicação do Estado Novo, ligada ao DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda). *Cultura e Política*, como se sabe, tinha uma posição de destaque dentro do projeto político e ideológico do governo, dirigida por Almir Andrade, tinha como objetivos primários divulgar as transformações e mudanças no país e as novas diretrizes. Ao mesmo tempo em que revisa os textos de outros colaboradores, ele escreve assiduamente crônicas para a seção “Quadros e Costumes do Nordeste”. No total, de 1941 a 1944, Graciliano publicou 25 textos, sendo 18 na seção já mencionada, 4 textos em “Quadros e Costumes Regionais” e outros 3 em “Quadros Regionais”. Já pelos títulos dessas seções percebe-se a relação existente entre cultura, história e testemunho. Com efeito, são esses os três elementos que fazem parte e alimentam essas seções, que mostram e apresentam para o Brasil a realidade nordestina. O primeiro texto de Graciliano é acompanhado de um outro que o apresenta:

Escritor e romancista consagrado entre os melhores do Brasil de hoje, tendo enriquecido a nossa literatura de ficção com obras fortes e cheias de personalidade como *São Bernardo*, *Angústia*, *Vidas Secas*, *Caetés*, e com numerosos contos que se publicam incessantemente nos grandes jornais da Capital da República e dos Estados – o autor desta crônica tomou a seu encargo fixar quadros e costumes da região do Brasil onde nasceu e viveu mais de trinta anos: o Nordeste. Neste número inaugural, ele nos dá um flagrante da grande festa popular – o carnaval – tal como decorre nas cidades do interior nordestino. É um pequeno pedaço desse Brasil que ainda foge do ímpeto renovador da civilização litorânea, desse Brasil tão diferente e tão grande...” (*Cultura Política*, 1941, p. 236).

Escritor já consagrado, apresentado e legitimado pelos seus livros, no fragmento acima, a Graciliano é proposto, de certa forma, a continuidade das suas temáticas e problemáticas, contudo agora num outro meio. Ora, pensar que essa colaboração prevê “fixar quadros e costumes da região do Brasil onde [o autor] nasceu e viveu mais de trinta anos: o Nordeste”, não é manter as suas reflexões e dar continuidade a um trabalho iniciado na década de 1930?

Graciliano parte do seu referencial, ligado à infância e ao Nordeste, mas não se limita a uma representação “mimética” dessa realidade. Na verdade, o que lhe interessa é o homem, a sua condição, a sua relação com os seus semelhantes e com a sociedade; seja com um narrador na primeira pessoa predominante em sua obras ou na terceira, como é o caso de *Vidas Secas*. Como coloca Luciana Stegagno Picchio:



[...] para Graciliano o centro permanece o homem e não a paisagem e, neste sentido, toda a sua obra, tenha como fundo o sertão sedento, ou reconstrua uma distanciada paisagem mítica individual (*Infância*), ou seja diário de sofrimento e abusos (*Memórias do Cárcere*, 1953), gira em torno do homem” (STEGANHO-PICCHIO, 1997, p. 532).

Esse olhar e interesse que tem como centro o homem provavelmente são o que o aproximam da leitura de Albert Camus, até chegar a fazer a tradução para o português de *La Peste*, publicada pela José Olympio<sup>8</sup>. O que poderia instigar o interesse de Graciliano em fazer essa tradução? O foco central de *A peste* é o homem e a sua relação com a sociedade, apesar de trazer alusões ao totalitarismo e abuso de poder. Jornalista e escritor argelino, imigrado para a França, apesar de tratar nesse romance de questões pontuais, que estão escondidas nas entrelinhas do romance, o centro de atenção de Camus é o “mundo hostil”, exemplificado na peste, símbolo de desumanização. Outro elemento a ser notado é o aspecto de crônica que se apresenta desde o início da narrativa, dado que também aproxima Camus de Graciliano. A crônica é uma forma de estabelecer entre a realidade e o mundo ficcional. Graciliano, como Camus nesse romance, em seus textos tende a retornar às suas origens, à múltipla experiência do vivido. E é exatamente por isso que as relações entre as esferas culturais, sociais e políticas se tornam elementos fundamentais para a construção de suas narrativas. A arte de representar, afirma Graciliano numa carta enviada à irmã Marili Ramos, comentando um conto escrito por ela:

[...] As caboclas da nossa terra são meio selvagens, quase inteiramente selvagens. Como pode adivinhar o que se passa na alma delas? Você não bate bilros nem lava roupa. Só é carne. Além disso, não há nada. As nossas personagens são pedaços de nós mesmos, só podemos expor o que somos. E você não é Mariana, não é da classe dela. Fique na sua classe, apresente-se como é, nua, sem ocultar nada. (Apud, BUENO, 2006, pp. 244-245)

Se por um lado essas relações são necessárias e fundamentais de outro, não devem significar “subserviência ou escravidão” da arte, em relação aos posicionamentos ou “necessidades” do escritor. É bom lembrar, que mesmo num momento no qual a *cooptação* é uma realidade e uma forma de sobrevivência e o empenho é uma força motriz do ânimo geral, Graciliano condenará o uso da literatura como forma de propaganda. Para ele, o entrelaçamento entre arte e ideologia é praticamente inevitável, porém a interdependência pode ser e é daninha.

## Notas

1. É por esse tipo de leitura e visão que Croce irá criticar duramente as obras de Luigi Pirandello e Italo Svevo, por exemplo.
2. Entrevista cedida ao jornalista Ernesto Luiz Maia, publicada na revista *Renovação*, em maio de 1944.
3. Outros intelectuais brasileiros que tiveram uma atuação nessa “constelação Capanema” foram: Augusto Meyer, Sergio Buarque de Holanda, Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, Mário de Andrade, Cecília Meirelles, Cândido Portinari.
4. Entrevista concedida por Graciliano Ramos em 1948, disponível em <<<http://www.graciliano.com.br>>>. Acessado em 04 de setembro de 2010.
5. Para lembrar o título da obra de Franco Moretti.
6. Os relatórios datam de 1929 e 1930. Estão publicados junto com os textos escritos para a revista *Cultura e Política*, no volume *Viventes em Alagoas*.
7. Editora que durante o regime de Vargas publicou obras de boa parte dos romancistas Graciliano Ramos, José Lins do Rêgo, Rachel de Queiroz, Ciro dos Anjos, Lúcio Cardoso. Além de ter também publicado os discursos de Getúlio Vargas: *A nova política do Brasil*.

## Referências

- BOMENY, Helena. “Infidelidades eletivas: intelectuais e política”. IN: \_\_\_\_\_. (Org.). *Constelação Capanema: intelectuais e políticas*. São Paulo: Editora FGV, 2001.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo, Campinas: EDUSP, Editora da UNICAMP, 2006.
- CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidades*, v. II. São Paulo: EDUSP, 1999.
- COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil – Era modernista*. São Paulo: Global, 1999.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- PÓLVORA, Hélio. “Viventes das Alagoas e Outros viventes”. In: RAMOS, Graciliano. *Viventes das Alagoas*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- RAMOS, Graciliano. Entrevista. Disponível em <<<http://www.graciliano.com.br>>>. Acessado em 04 de setembro de 2010.
- \_\_\_\_\_. *Viventes das Alagoas*. Rio de Janeiro: Record, 2007
- REBELO, Marques. “Encontro com Graciliano”. In: RAMOS, Graciliano. *Relatórios*. Rio de Janeiro- Recife: Record/Fundação de Cultura Cidade do Recife, pp. 95-97.
- STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.